

barcações não teem capacidade e já estão sobrecarregadas; que deve esperar o coronel Paiva, que tem ao seu dispor muitos meios de transportar e que decerto lhe não recusa o que elle deseja.

Ao ouvir o nome de Paiva o Chapananga entra n'um grande furor e ágita-se brandindo o facalhão de que está armado. Sem mais preambulos declára que ninguem pode passar na ilha sem a sua licença, e que os missionarios são seus prisioneiros. Foi-lhe mostrado e traduzido na sua lingua selvagem o passaporte dos missionarios, porém o selvagem poz se a rir e lançou-o ao chão.



Casa dos Missionarios Jesuitas em Quelimano

“Se nos não deixas partir, disse lhe um dos padres, Paiva d'Andrade virá queimar a tua povoação.”

Mal estas palavras não eram ditas o Chapananga avança para os padres na attitude de lhes cortar as cabeças. O seu aspecto era o de um possessor. Estes correm ás lanchas e fazem esforços sobrehumanos incitando os remadores a partir sem perda d'um minuto; baldado empenho.

Os pobres selvagens transidos de medo não fizeram um movimento, e os missionarios estavam realmente captivos e á mercê dos cafres.

Chapananga exigiu então vinho, algodão, lenços e cartuxos, respondendo os padres que nada d'isso tinham para lhe dar, mandou abrir todas as caixas e, não encontrando o que procurava, mandou transportar

tar para a sua cubata todas as bagagens ; dando ordens para se fornecer aos padres duas esteiras para se deitarem durante a noite na frente de uma cubata.

O padre Volles foi então reclamar as caixas de viveres e de vinho e supplicou ao Chapananga que não cortasse a cabeça ao padre Plutzer, affirmando que as palavras que este tinha pronunciado eram fi-lhas da excitação em que se encontrava, devida á febre que o atormentava. O selvagem concedeu o que o padre pediu e passou a abrir as malas. Quiz ver o altar portatil, o calix, patena e ornamentos, mas não lhe disseram que era *Murungo* = isto é Deus. Encontrando o harmonio dos missionarios pediu-lhe que tocassem; elle tambem quiz experimentar e quebrou logo umas poucas de chaves do instrumento, por falta de geito. Abrindo a pharmacia o missionario disse-lhe — Se tu te não sabes servir d'isso podés matar-te — immediatamente a fechou e mandou retirar a caixa que a continha.

\*  
\* \* \*

As coisas tomavam uma feição pouco animadora e os pobres missionarios não podiam prever até onde as coisas chegariam. Pela noite dentro chegaram novos pretos completamente bebados, que ameaçando massacrar os padres lho foram roubando todas as provisões e até a roupa do seu uso. O padre Vollers pôde apenas conservar estricitamente o preciso para se cobrir; tremia de frio e esperava ser visitado pela terrivel febre do Zambeze.

Em 24 de setembro foi tambem retido na mesma ilha o sr. Solla e seu filho de seis annos; eram mais dois companheiros de infortunio. No dia seguinte fez-se uma sensível mudança; cessaram os insultos aos padres e o chefe parecia não estar muito satisfeito com a attitude que contra elles tinha tomado. E' que o chefe principal *Tramsemba*, do qual o Chapananga era vassallo, não tinha approvado as brutalidades d'este e tinha-lhe feito saber que deixasse partir os padres sem demora com o que restava das suas bagagens.

Com effeito o Chapananga veiu dizer aos seus prisioneiros que na tarde d'esse dia podiam partir. Mas partir como, se estavam n'uma ilha e os pretos remadores tinham partido para Tete empilhados n'uma embarcação, apenas Chapananga lhes tinha dito que podiam partir? Estes desgraçados, n'um logar estreito do rio, na entrada do *Lupata*, onde a corrente é violenta e o rio apertado, executaram mal uma manobra e cahiram tres á agua indo servir de repasto aos jacarés,

Chapananga teve de fornecer gente sua para remadores, o que não deixava de ter seu perigo; e como adeus aos seus hospedes d'alguns dias ameaçou-os com a sua colera se elles ousassem dizer qualquer coisa, em desabono de tão boa pessoa, ao coronel *Paiva* ou ao commandante do posto militar proximo.

Ao cahir da noite appareceu na margem um outro preto de longa barba que vinha dizer ao sr. Solla que os seus domesticos tinham pas-

tarde, e no seu reconhecimento terá o missionario a melhor paga do seu trabalho e sacrificios.

\*

\* \*

Ao principiar o anno de 1894, os jornaes inglezes primeiro e depois os de todo o mundo, annunciaram a morte do Lo-Bengula, o famoso chefe preto que fez frente aos inglezes quando invadiram e conquistaram a Machonalandia; segundo essas noticias, o potentado negro tinha succumbido a um ataque de variola. Ora os enviados a Manica pelo padre Platzer disseram que o Lo-Bengula passava muito bem de saude na região do Alto Zambeze para onde se tinha retirado e que quem morreu foi um irmão, que não tinha importancia politica.

\*

\* \*

Com respeito á escravatura n'estas regiões, será conveniente citar aqui textualmente o que escrevia o padre Czimmermann pouco antes de morrer: "Em todo o Baixo Zambeze, de Quilimane até além de Tete, a escravatura é interdita pela lei e não é possível senão muito raramente comprar escravos. Não fallo pois d'estes logares, mas sim das afastadas regiões do Alto Zambeze, onde, sendo pouca a influencia das nações europeas, o poder dos chefes pretos é sem limites. Apenas chegado a esta região, constatei que a escravatura se fazia em larga escala, porque encontrei grande numero de escravos e pude resgatar tantos, quantos o permittiam os meus recursos. O preço é baixo relativamente a outros pontos. Um escravo custa ordinariamente duas peças de algodão ou um barril de quatro libras de peso. A falta de fazendas e polvora, servem outras mercadorias. Assim, recentemente, resgatei dois rapazes por uma navalha de barbear."

Como chegam estes pobres desgraçados a perder a sua liberdade? Em geral, e apartada a razão suprema da fome, as pretas, apesar de pouco ternas no seu estado de selvageria, não vendem os filhos. Os escravos que apparecem para vender são entes ha muito privados de patria e de familia; a maior parte são prisioneiros de guerra. A selvageria que anima as tribus do interior de Africa leva os chefes a fazerem guerra ou antes razzias com o intuito de só procurarem escravos, que traduzem a sua riqueza, o seu poderio e a sua influencia. Qualquer preto ambiciona sempre, como supremo ideal de bem estar, possuir escravos, que trabalham para a sua subsistencia e são a sua côrta: representam o seu capital. Uma outra maneira engenhosa de obter escravos são as caçadas ao elephante.

Um exemplo entre muitos:

Outr'ora, um preto poderoso da região do Zumbo, constou-lhe que ao NW. do Zambeze existia um grande chefe, celebre pela sua riqueza; organisou uma caravana de caçadores e para lá se dirigiu. Bem rece-

bido pelo seu collega preto, que nada desconfiava, entraram em ajuste e foi fixado o preço. O chefe dos caçadores mandou transportar o marfim para o seu campo e convidou os habitantes a virem admirar as fazendas, contaria, espelhos, etc. Organisa-se uma festa em honra dos vendedores e o generoso comprador affirmava que ia fazer presentes ás mulheres e ás creanças. Umás e outras estavam deslumbradas com tantas riquezas que os seus olhos nunca tinham contemplado. No auge do entusiasmo e quando as infelizes se dispunham a receber a lençaria e os flamnantes collares de vidrilhos, cahem os caçadores sobre elles e aprisionam quasi todos; o chefe foge aterrado e quando consegue reunir os seus guerreiros tinha partido a caravana levando os seus haveres, as suas mulheres e os seus filhos. E quando mais tarde o missionario encontrar estes desgraçados e lhes perguntar pela sua patria e os seus parentes, terá como resposta os soluços e as lagrimas dos infelizes escravizados.

\*

\* •

Em 1894 o bispo de Himeria, prelado de Moçambique, fez a sua visita pastoral á Missão do Zumbo. A boa ordem e a piedade dos alumnos consoliou este prelado, decerto o primeiro bispo que tão longe penetrou na Africa n'esta direcção. Ali se demorou alguns dias e administrou o Sacramento da Confirmação a oitenta e oito pretos. A escola florescia e os fructos do trabalho assiduo do missionario desenvolviam-se com o auxilio d'essa força superior que anima os que se sacrificam a si para salvar os seus irmãos. O estado do prelado na Missão era para os alumnos e para os missionarios uma consolação e um incentivo, animando nos seus arduos trabalhos com tanto mais ardor quanto parecia certo que a febre os tinha abandonado. O padre Hilter, que acompanhou até o Zumbo Mrs. Barroso, ficou na Missão. Era um precioso auxiliar do padre Platzer pelos seus conhecimentos praticos, de lidar com cafres em 12 annos consecutivos de duros trabalhos na Zambesia portugueza. Emfim tudo annunciava dias mais venturosos para esta Missão que tão experimentada tinha sido até então. As festas do Natal foram occasião de grande contentamento para os missionarios e para os alumnos; illuminação da Missão, a missa da meia-noite acompanhada por todas as creanças com canticos traduzidos em cafre, a communhão de grande numero á missa da manhã, uma processão religiosa na melhor ordem implorando a misericordia divina para que afastasse um anno de fome, que se annunciava pela invasão dos gafanhotos, á tarde diversos jogos com mais de cem premios para os vencedores, premios que seriam risiveis em Lisboa, mas que eram verdadeiras maravilhas para pretos do Zumbo, tudo isto encheu de entusiasmo as pobres creanças e consolou grandemente os missionarios. A festa em si era pouca, forneceu porém uma excellente occasião de interessar os pretos e inspirar-lhes confiança nos missionarios.

O anno de 1895 entrava auspicioso para a Missão; mas esta fortuna

gou prudente não se expôr. O Cafre deu-se por muito feliz por o seu rei não ter fome n'aquella occasião.

\*

\* \*

As creanças indigenas, não obstante conhecerem apenas a vida selvagem dos bosques, são accessiveis aos sentimentos religiosos.

Os que os missionarios teem educado em Boroma, commungam todos os mezes, confessam-se assiduamente e dão todas as provas de verdadeira devoção.

Para a alimentação physica tomam duas refeições por dia; cada um possui o seu prato de ferro ou escudeta de pau.

Não são exigentes; com farinha de sorgho preparada com agua fervendo e o molho com feijão, carne, peixe ou legumes, a que no Zambeze se chama = Chissan = e grande quantidade de agua limpida, está feita a sua sobria refeição. Um dia ou outro o mesmo é abrilhantado com um prato extraordinario. Depois de engulida a refeição ordinaria não é raro ver os rapazes ateiarem aqui e além, por turnos, uma fogueira. Sobre o fogo suspendem, pelas patas enfiadas, 20 a 30 ratos, que depois de convenientemente chamuscados são comidos com grande prazer. Se vem alguma invasão de gafanhotos, ha festa certa; a caça é-lhes feita com grande actividade : os despojos são reunidos em montes e cosidos na caçarola e dizem que constituem um dos pratos mais delicados... para pretos.

\*

\* \*

Se a vida do missionario no Zambeze é saturada de amarguras e desgostos, heroicamente supportados com os olhos em Deus, é certo que tambem tem o lado pittoresco e divertido, que desopila o espirito das preocupações constantes. Para acabar de fazer conhecer Boroma para aqui traduzimos o que escrevia o padre Vollers a proposito da visita que áquella missão fez em 1894 o Bispo de Himeria, M. Barroso — «O Prelado chegou aqui na vespera da festa de S. Ignacio. Imagino-se a nossa alegria ao ver um successor dos apóstolos vir pela primeira vez ás nossas barbaras terras. O Prelado estava a bordo de uma canhoneira portugueza. Os nossos christãos, adultos e creanças, sob a direcção dos Padres e das Irmãs, tinham ido ao seu encontro; do mesmo modo, centenas de pagãos tinham vindo para assistir á chegada: tudo vinha á festa. Os nossos alumnos tinham vestido para o caso a melhor farpella. D'entre elles uma duzia faziam o officio de meninos de côro, com sotaínas encarnadas e brancas. O rev. padre Menyarth, superior, esperava de capa de asperges. Adiante marchava a cruz alçada; seguiam-se todas as qualidades de bandeiras, entre as quaes se distinguia a da SS. Virgem. Apenas a canhoneira estava á vista, os nossos cafres principiaram com a musica e organiou-se a dança ao som do tambor; o en-

entusiasmo era indiscriptível. Quando o Prelado desceu da embarcação os pretos soltaram gritos de alegria e deram saltos indiscriptíveis. Pouco depois tudo ficou silencioso e tendo o Bispo dado a sua benção, o rev. padre Menyarth lhe dirigiu uma saudação de boas vindas. O Prelado respondeu cheio de commoção; não podia dissimular a alegria que lhe inundava a alma, á vista de tantos pretos convertidos e do seu grande enthusiasmo.

A procissão dirigiu-se para a igreja cantando as ladainhas; depois foi entoado o Te-Deum e o Prelado deu a benção com o SS. Sacramento. Em seguida marchou-se para a casa dos missionarios, situada na collina de S. José. Todos os christãos marchavam em frente, disparando sem cessar tiros de espingarda. Tambem as mulheres lá estavam, simulando exercicios de guerra. Saltavam como corças ao som de um tambor, feito de um tronco cavado, corriam para o Bispo brandindo a sua curta lança, depois chegadas á sua frente paravam um segundo e faziam menção de lhe atirar a lança e fogiam logo a bom correr. E' o seu modo de mostrarem a sua alegria. Depois do jantar foi o Prelado conduzido a um concurso de jogos, que eu organizei. Os meus pretinhos excitaram no mais alto grau o interesse de todos. Havia corridas livres, corridas em sacco, etc.; os jogos eram interrompidos por canticos em cafe. Seguiram-se os exercicios escolares: cathecismo em cafe e portuguez, leitura e calculo. Tudo isto causou verdadeira alegria e para fechar a visita á escola os pequenos entoaram o "Frère Jacques". Este cantico, preparado com cuidado, foi desempenhado magistralmente.

Monsenhor Barroso, depois de oito dias, partiu encantado por tudo que tinha observado em Boroma e escreveu: «Peço a Deus que se digne espalhar as suas benções sobre esta obra que é toda sua. Não ignoro a que vida de sacrificios e amarguras são votados os missionarios que trabalham em Boroma. Os resultados já obtidos são um pebor da prosperidade que será concedida a seus trabalhos.»

(Continúa.)

ULIANO.